

# LITERATURA E ANIMALIDADE: REPRESENTAÇÕES DO HUMANO E NÃO HUMANO

Lucas Gabriel Verdiano dos Santos (Fundação Araucária)[1](#_bookmark0) Unespar/*Campus* Paranaguá, [lucas\_gabrielverdiano@hotmail.com](mailto:lucas_gabrielverdiano@hotmail.com)

Cristiane Pagoto Unespar/*Campus* Paranaguá, [cris.pagoto@unespar.edu.br](mailto:cris.pagoto@unespar.edu.br)

Modalidade: Pesquisa Programa Institucional: PIBIC

Grande Área do Conhecimento: Letras, Linguística e Artes

# INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Iniciação Científica, desenvolvido no período de 2023-2024, pretendeu compreender a relação entre Literatura e Animalidade, e como tais temas se relacionam ao ser humano e ao mundo animal, refletindo, assim, acerca de conceitos sobre a sociedade humana, bem como a vida não humana. Conceitos esses que se entrelaçam e podem trazer luz a uma concepção mais real da representação do Animal na Literatura. Diferentes obras literárias têm os animais como protagonistas ou personagens secundários e diversas dessas obras apresentam os animais a partir de um olhar humano. Humanizando, assim, algo que *não tem nada de humano*. Entender como a perspectiva animal é retratada na literatura é conceber a ideia de um subjetivo animal, baseado nas características

próprias dos animais, e não na percepção que um ser humano tem do animal.

Para desenvolvimento desta pesquisa, foram usados diversos estudiosos de áreas correlatas que tratam do tema, como a professora Maria Esther Maciel e o professor Mário Ortiz-Robles. Além de filósofos e escritores como Michel de Montaigne, Gilles Deleuze, Franz Kafka, Jorge Luis Borges e J.M. Coetzee. E, para fins de aplicação da teoria, foram utilizadas obras de João Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade e de Ailton Krenak.

Desta forma, o estudo procura compreender uma ideia entre a Literatura e a Animalidade, o Humano e o Não Humano, a Sociedade e o Meio Ambiente. Já que entender

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Araucária/SETI, por meio de bolsa concedida ao estudante Lucas Gabriel Verdiano dos Santos.

todos os conceitos pode provocar uma mudança de perspectiva na relação entre o ser humano e tudo que está fora da sociedade humana.

Portanto, este estudo leva a contemplar uma nova forma de coexistência, onde a linha entre o humano e o não humano se torna menos definida, e onde a literatura se torna uma ponte entre mundos aparentemente distintos. É nesse entrelaçamento de realidades que se encontram uma visão mais rica e completa da vida, uma visão que pode transformar a maneira de ser e de estar no mundo.

# MATERIAIS E MÉTODOS

O início da pesquisa partiu da seguinte citação de Maria Esther Maciel: “O animal é pobre no mundo, pelo fato de ser privado de *logos*, mas realiza a partir desse confronto um apurado processo de desconstrução do humanismo logocêntrico do ocidente” (Maciel, 2016, p. 18). Tal citação levou a um questionamento geral sobre o tema e orientou o seguimento da pesquisa. Para compreender essa frase, é necessário dividi-la em partes, para unificar um todo.

Inicialmente, a afirmação "O animal é pobre no mundo" (Maciel, 2016, p. 18) sugere que, no contexto discutido, os animais são vistos como desprivilegiados ou carentes em relação aos humanos. Esta pobreza não é material, mas está relacionada à percepção de uma falta fundamental – a ausência de "logos".

A pesquisa sobre a relação entre a literatura e a animalidade nasce de um questionamento e de uma necessidade de reavaliar e ressignificar o lugar dos animais na compreensão do mundo. E de entender o meio ambiente em geral, como um âmbito social, a partir da literatura.

O termo "logos" provém do grego e pode ser traduzido como razão, discurso ou lógica. Na visão tradicional ocidental, o logos é considerado uma característica distintiva e superior do ser humano. Portanto, afirmar que os animais são "pobres" porque lhes falta o *logos* implica que são vistos como inferiores por não possuírem a capacidade de raciocínio lógico ou discursivo que os humanos têm. Esta perspectiva coloca os animais em uma posição subalterna, desprovidos daquilo que é valorizado como essencial na tradição humanista ocidental.

No entanto, a frase convida a olhar além desta visão limitante. "A partir desse confronto" (Maciel, 2016, p. 18), onde o confronto refere-se à constatação da ausência de logos nos animais, emerge um apurado processo de desconstrução. Este processo de desconstrução é um exame detalhado e crítico do humanismo logocêntrico – a filosofia que coloca o ser humano e sua capacidade de raciocínio no centro de valor e significado.

Ao serem vistos como carentes de *logos*, os animais provocam uma reavaliação da premissa fundamental do humanismo logocêntrico. Este desafio ao logocentrismo sugere que a razão humana não deve ser a única medida de valor e entendimento no mundo. A capacidade de reconhecer e valorizar outras formas de ser e compreender a existência, inclusive as perspectivas dos animais, abre um novo campo de reflexão filosófica

Assim, a frase sugere que, embora os animais sejam considerados "pobres" por sua privação de *logos*, essa mesma privação desencadeia um processo que questiona e desconstrói a centralidade da razão humana na tradição ocidental. Este processo convida a reconsiderar a importância exclusiva atribuída à razão, abrindo espaço para reconhecer e valorizar outras formas de entendimento e existência no mundo, incluindo as dos animais.

Nesse cenário, o c*ogito cartesiano* se encontra com um confrontador. Expresso na máxima "Penso, logo existo", representa uma pedra angular do pensamento ocidental, que coloca a capacidade de raciocínio e a consciência como a base da identidade e do valor do ser. No entanto, ao considerar a citação de Maria Esther Maciel (2016, p. 18) e a discussão sobre a animalidade, o cogito cartesiano se torna um ponto de tensão. A noção de que a existência se fundamenta na capacidade de pensar reforça a hierarquia que marginaliza os animais pela sua ausência de *logos*. Se a essência do ser humano é definida pela razão, os animais, desprovidos desse atributo, são reduzidos a um *status* de inferioridade. Esse paradigma, ao ser desafiado pela visão de que a ausência de razão nos animais pode provocar uma desconstrução crítica do humanismo logocêntrico. A literatura, ao refletir e reinterpretar essas questões, têm o potencial de expandir a compreensão da existência, não apenas do ponto de vista humano, mas também reconhecendo e valorizando a subjetividade dos animais e suas formas de ser.

Com isso, inicia-se a necessidade de uma pesquisa, de uma investigação sobre a relação entre a literatura e a animalidade, e como a arte compreende o subjetivo animal, já que é de senso comum que a vida imita a arte.

Para fins de compreensão, foram usados diversos autores teóricos sobre o tema, e diversos autores que representam os animais em suas obras literárias.

No núcleo central do tema, Maria Esther Maciel e Mário Ortiz-Robles foram teóricos fundamentais para a proposta. Seguindo os mesmos, foram utilizados também de escritores de narrativas que passam pelo tema, como Franz Kafka e, principalmente, João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade.

Também é importante delinear um período histórico sobre como a percepção do mundo animal era tratada na visão da sociedade humana, e como e porquê aconteceu a mudança dessa perspectiva, para tanto, escritores como Michel de Montaigne e Gilles Deleuze serviram como base para orientar a investigação.

O meio ambiente e seu impacto também foram estudados, e como a sua influência envolve o mundo animal e por consequência a esfera literária, uma relação bastante estudada por autores como Ailton Krenak e Daniel Braga Lourenço. Além de diversas outras referências e obras que atravessam o âmbito “animal”, como Friedrich Nietzsche e Richard Adams, com *Em busca de Watership Down*.

# RESULTADOS E DISCUSSÕES

## A perspectiva não antropocêntrica na literatura

A representação dos animais na literatura tem sido tradicionalmente marcada por um viés antropocêntrico, no qual os animais são frequentemente humanizados ou vistos exclusivamente através de um olhar humano. Essa abordagem, embora comum, limita a compreensão do mundo animal e reforça a separação entre humano e não humano. Para romper com essa visão limitada, é essencial explorar como a literatura pode representar os animais a partir de uma perspectiva não antropocêntrica. Autores como Franz Kafka, João Guimarães Rosa e J.M. Coetzee desafiam essa visão antropocêntrica ao criar narrativas que buscam capturar a essência dos animais com base em suas próprias características, e não apenas como reflexos das percepções humanas. Em obras como *A Metamorfose* de Kafka e “Conversa de Bois” de Guimarães Rosa, os animais são representados de maneiras que

questionam e expandem os limites da percepção humana.

Ao retratar os animais a partir de uma perspectiva que valoriza suas subjetividades e experiências próprias, esses autores contribuem para a desconstrução do humanismo logocêntrico. Essa abordagem permite uma reflexão mais profunda sobre a relação entre humanos e animais, e sobre como a literatura pode servir como uma ponte para uma compreensão mais holística e inclusiva da vida no planeta.

Além disso, filósofos como Gilles Deleuze e Michel de Montaigne oferecem uma base teórica para entender essa representação não antropocêntrica. Deleuze, em particular, com sua ideia de "devir-animal", propõe uma forma de pensamento que transcende a separação entre humano e animal, sugerindo um estado de constante transformação e interconexão.

Michel Montaigne, que foi um grande filósofo do século XVI, conhecido por seus ensaios em relação aos animais, tem a seguinte afirmação:

Se, em prol de nossa superioridade, quisermos argumentar com o fato de que podemos aprisionar os outros animais e empregá-los à vontade a nosso serviço, direi que o mesmo podemos fazer com outros homens. Em sua maioria, as pessoas livres entregam sua vida e seu ser a outrem em troca de insignificantes vantagens. Os animais são ainda mais generosos que nós, pois nunca se viu um leão escravo de outro leão, nem um cavalo de outro cavalo. (Montaigne, 2010 p. 220)

Montaigne confronta a hipocrisia humana. Ele destaca que a maioria das pessoas, mesmo aquelas consideradas livres, frequentemente entregam suas vidas a outras pessoas em troca de benefícios pequenos ou "insignificantes vantagens". Isso coloca em perspectiva a noção de liberdade e submissão, sugerindo que a servidão voluntária, e mesmo a coercitiva, é comum entre humanos. A comparação implícita de Montaigne critica a sociedade humana, que se organiza muitas vezes de forma hierárquica e opressiva. Ele sugere que a humanidade poderia aprender com a maneira como os animais se relacionam entre si, sem recorrer à dominação e à escravidão.

Nessa ideia, a compreensão da literatura a partir de uma perspectiva não antropocêntrica não só enriquece a interpretação das obras literárias, mas também promove uma visão mais ética e responsável da coexistência entre seres humanos e animais. Ao reconhecer e valorizar as subjetividades animais, a literatura pode desempenhar um papel

crucial na construção de uma sociedade que respeita e celebra a diversidade de todas as formas de vida.

Neste contexto, a obra de João Guimarães Rosa e a influência de Ailton Krenak (2019) são particularmente relevantes. Krenak, com sua cosmovisão indígena do mundo, oferece uma perspectiva que integra o humano ao meio ambiente de forma harmoniosa e interdependente. Sua contribuição é vital para a construção de uma nova ética ecológica e literária.

Assim, ao explorar a perspectiva não antropocêntrica na literatura, este subtema contribui para uma compreensão mais profunda da relação entre literatura e animalidade, e como essa relação pode transformar nossa percepção do mundo e a coexistência com outras formas de vida.

Explorar e compreender o subjetivo alheio, entendendo as diferenças é essencial para compreender todo um ecossistema, e tratá-lo de uma maneira melhor e mais responsável.

O líder indígena, ambientalista e filósofo Ailton Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) faz a seguinte reflexão:

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades. Então vamos vivê- las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado. Já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência. (Krenak, 2019, p. 15)

Essa reflexão ecoa a necessidade de uma nova forma de coexistência que a literatura não antropocêntrica induz a contemplar. Ao reconhecer e valorizar as subjetividades animais, é possível também proteger e nutrir a própria subjetividade humana. Através da literatura, torna-se viável expandir os horizontes existenciais, resistindo às forças que buscam consumir tanto a natureza quanto as experiências humanas mais íntimas e poéticas.

## A cronologia da concepção animal

Seguindo a ideia do professor Mário Ortiz-Robles (2016), que tenta fazer um registro histórico da concepção animal, os animais têm sido representados na literatura desde seus primórdios, ocupando um lugar central em épicos, fábulas, parábolas e peças de teatro. Desde os primeiros mitos de origem, como o relato de Gênesis na Bíblia Hebraica, a presença dos animais simboliza a separação entre humanos e uma natureza onde essa distinção ainda não foi determinada. A história do Jardim do Éden exemplifica essa separação, pois Adão nomeia os animais, tornando-se seu supervisor. No entanto, os animais no Éden também falam, como no caso da serpente, mostrando que a fronteira entre humanos e animais pode ser fluida (Ortiz-Robles, 2016, p. 2)

A separação entre humanos e animais tem sido crucial para a construção da civilização. A história da relação entre humanos e animais reflete a mudança de percepção ao longo do tempo, especialmente com a chegada da modernidade industrial. Como Harriet Ritvo (2017) destacou, a transformação do final do século XVIII marcou uma mudança radical quando animais se tornaram objetos de manipulação humana, seja para trabalho ou produtos animais, fato que se intensificou com as pesquisas e testes de empresas farmacêuticas e de cosméticos nas últimas décadas. Isso também coincidiu com a ausência de animais na vida cotidiana das áreas urbanas, levando à necessidade de animais em papéis como animais de estimação, atrações de zoológico ou performers de circo. Ao mesmo tempo, o crescimento das ciências biológicas e a quantificação biológica passaram a tratar os animais de uma maneira mais sistemática e, por vezes, desumanizadora.

Essas abordagens não se concentram tanto nos direitos dos animais, mas sim na desconstrução da divisão entre humanos e animais. De acordo com essa perspectiva, pedir direitos para os animais pode reforçar a mesma separação que se pretende superar, pois implica uma continuidade ou semelhança entre humanos e animais para justificar argumentos morais. Além disso, a abordagem dos direitos dos animais, ao operar sob uma lógica de concessão de direitos, tende a reforçar a ideia de que os animais são inerentemente incapazes de exigir seus próprios direitos, perpetuando a visão de superioridade humana (Ortiz-|Robles, 2016, p.15).

## Consequências da divisão animal

A divisão entre humanos e animais tem implicações políticas significativas. O filósofo italiano Giorgio Agamben (2013) cunhou o termo "máquina antropológica" para descrever o aparato discursivo que estabelece e controla a diferença ontológica entre humano e não- humano. O termo surge no livro *O aberto* e propõe um novo conceito para se pensar o humano, sendo este o resultado da cisão prática e política entre humanidade e animalidade. A “máquina antropológica” pode, portanto, ser entendida como a criação de uma diferença absoluta entre homem e animal que, por um lado, coloca o homem num lugar superior ao do animal e, por outro, afasta a animalidade presente no homem para fora das características humanas, para *o aberto*. Agamben busca problematizar este vazio, este intervalo ou cisão entre homem e animal que afasta o homem da vida humana ou da vida animal. É o que o autor denomina de *vida nua*, uma possibilidade que se abre de parar a “máquina antropológica” e instaurar novas definições do que é a vida humana. Entretanto, como Agamben observa, o conceito de vida nunca está definido como tal, mas entrelaça-se a oposições e contradições diferentes, que atravessam discursos filosóficos, teológicos, políticos e biológicos. Conforme o autor, "isto quer dizer que tudo se passa, em nossa cultura, como se vida fosse algo que não pode ser definido, ainda que, precisamente por esta razão, tenha que ser incessantemente articulada e dividida" (Agamben, 2013, p.16).

Para Agamben, a distinção entre humano e não-humano é primeiramente estabelecida dentro do próprio ser humano, criando uma "zona de indiferença" onde a divisão é suspensa. Isso possibilita uma inversão de papéis, onde o animal é humanizado (como o escravo ou o selvagem) e o humano é animalizado (como o humano em estado vegetativo ou outro racializado). A "máquina antropológica" não inventa animais no sentido literal, mas sim uma forma de animalidade que é inerentemente humana. Essa distinção sustenta o conceito de "biopoder", criado por Michel Foucault, que se refere ao controle político baseado em estatísticas biológicas. De modo geral, a filosofia continental sugere que a divisão entre humanos e animais é uma construção social e política, evidenciando que as categorias podem ser móveis e suscetíveis a redefinições. Essa perspectiva sugere um olhar mais crítico sobre como a divisão humano-animal é mantida e de que forma ela influencia nossa relação com o mundo ao nosso redor.

Mario Ortiz-Robles (2016) propõe uma reflexão sobre como a literatura molda a percepção dos animais e, por extensão, da própria humanidade. Ao analisar como a literatura representa e usa animais, o autor busca desafiar percepções tradicionais e mostrar que a fronteira entre humanos e animais é mais fluida do que se costuma pensar. Através desta abordagem, o professor sugere que os animais da literatura são uma criação do imaginário humano, destinada a provocar discussão e reflexão sobre o que significa ser humano.

A divisão entre humanos e animais é uma construção cultural que pode ser traçada em diversas tradições filosóficas. Pensadores como Aristóteles, Nietzsche, Descartes e Heidegger destacam a presença de algo "extra" nos humanos, seja uma qualidade política, espiritual ou intelectual. No entanto, o conceito de "animal" é abrangente e inclui uma vasta variedade de espécies, cada uma com habilidades únicas. Essa visão ampla, conforme sugerida por Jacques Derrida (2002) com o termo "animot", revela que a distinção entre humanos e animais não é tão clara ou simples quanto parece. Embora humanos possuam capacidades específicas que outros animais não têm, eles também desejam adquirir habilidades presentes em outras espécies, como voar ou nadar, frequentemente através da tecnologia.

Essa busca por habilidades ou atributos específicos tende a criar uma visão de superioridade humana que justifica práticas de dominação sobre o mundo animal. Ao mesmo tempo, essa divisão rígida entre humanos e animais obscurece a diversidade e a complexidade da natureza, sugerindo que a evolução é, na verdade, sobre diversidade e diferença. Portanto, a ideia de que "animais" são uma invenção humana não nega a diversidade de vida, mas indica que a categorização binária entre humanos e não-humanos é um conceito construído, influenciado pela imaginação e pela cultura.

## Narrativas e poéticas de animalidade

A partir de tudo o que foi citado acima, é importante pensar em como o animal é visto diretamente na literatura. Começando pela linha literária aparentemente mais simples e óbvia, que é animalização do humano, como representado por Kafka, por exemplo que utiliza a transformação física em *A Metamorfose* como uma metáfora para explorar a alienação e a identidade. A história começa com a famosa frase:

Quando Gregor Samsa certa manhã acordou de sonhos intranquilos,

encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso. Estava deitado de costas, que pareciam duras como couraça, e, ao levantar um pouco a cabeça, viu seu ventre abaulado e marrom, dividido por saliências arqueadas em rígidas seções; acima dele, o cobertor, prestes a escorregar de vez, mal se sustentava. Suas muitas pernas, lastimavelmente finas em comparação com o corpo, tremulavam desamparadas diante dos olhos. (Kafka, 2022, p. 21)

Essa transformação coloca Gregor em uma posição que transcende a divisão entre humano e animal, forçando tanto ele quanto sua família a reavaliar suas concepções de identidade e alteridade. Gregor, uma vez humano, experimenta a vida de um animal, enfrentando o isolamento e a rejeição que frequentemente acompanham essa transgressão de fronteiras. A descrição de Kafka da experiência de Gregor é uma crítica poderosa à desumanização e à marginalização dos que são considerados "outros", sejam eles humanos ou animais.

Kafka não só humaniza o animal, mas também animaliza o humano, criando uma zona de indiferença que desafia a distinção ontológica entre humano e animal. Esse processo é semelhante ao conceito de "máquina antropológica" de Agamben, no qual a divisão entre humano e não-humano é suspensa e invertida, revelando a fluidez e a artificialidade dessas categorias, criando a possibilidade de uma *vida nua*.

A transformação de Gregor Samsa em *A Metamorfose* pode ser vista como uma metáfora para a alienação e a desconstrução das fronteiras entre humano e animal, semelhante ao processo descrito por Maria Esther Maciel (2021), que sugere que a privação de *logos* nos animais provoca uma desconstrução do humanismo logocêntrico. Kafka demonstra essa desconstrução ao mostrar como Gregor, ao se tornar um inseto, desafia as noções de identidade.

Além disso, a transformação de Gregor também reflete o "devir-animal" de Deleuze (1996), que descreve a transformação como um estado de constante interconexão e mudança. Gregor, ao se transformar, transcende a separação entre humano e animal, revelando a fluidez dessas categorias e desafiando a visão antropocêntrica tradicional.

Ao incorporar essas ideias, a análise de *A Metamorfose,* de Kafka, complementa e enriquece a compreensão da relação entre literatura e animalidade. A obra de Kafka, ao desafiar as fronteiras entre humano e animal, contribui para uma reflexão mais profunda sobre

a coexistência e a interdependência de todas as formas de vida, promovendo uma visão mais ética e inclusiva da existência.

O romance *Watership Down*, de Richard Adams (1972), também oferece uma representação única e significativa dos animais na literatura. A história segue um grupo de coelhos que, enfrentando a destruição de seu habitat, embarcam em uma jornada para encontrar um novo lar seguro. A obra é particularmente notável por sua abordagem séria e complexa dos personagens animais. Adams desenvolve uma sociedade de coelhos com suas próprias mitologias, linguagens e culturas, permitindo que os leitores vejam o mundo a partir da perspectiva dos animais. A animação mantém essa profundidade, trazendo à vida a rica tapeçaria da vida dos coelhos.

Os coelhos de *Watership Down* não são meramente humanizados (por mais que falem como humanos) em vez disso, são apresentados como criaturas com suas próprias formas de inteligência e modos de vida. Essa abordagem evita a simplificação antropocêntrica e oferece um olhar mais autêntico sobre a animalidade. A narrativa explora temas de sobrevivência, liberdade e comunidade, enquanto também aborda questões ambientais e o impacto da atividade humana na vida selvagem.

Outra obra que retrata essa animalidade e diminui a linha de separação entre humano e animal é o quadrinho *Maus,* de Art Spiegelman (2009), que explora o holocausto e coloca em forma de fábula os humanos como animais, sendo os judeus representados por ratos e os nazistas por gatos. Mas, esse simbolismo carrega um caráter que diminui essa diferenciação entre humano e não humano, colocando ambos na mesma classificação e mesmo atenua a problematização pois aborda a representação pela via fabular. Mostrando que os humanos são cruéis. Colocando os mesmos em uma posição em que o ser humano acaba por ser o único animal que tem a escolha de ser mal.

Resumidamente, em *Watership Down*, a perspectiva animal é usada para criar uma narrativa rica e detalhada que respeita a vida e os desafios dos coelhos, sem reduzir sua complexidade a uma mera metáfora para o comportamento humano.

Enquanto em *Maus*, o uso de animais como metáforas para diferentes grupos humanos é uma maneira de explorar e comunicar a experiência do Holocausto de forma única. Esse simbolismo não apenas suaviza o horror, mas também cria uma distância crítica que permite

uma reflexão mais profunda sobre o comportamento humano e a opressão.

Então, enquanto *Watership Down* se concentra em uma representação mais direta e realista da vida animal, *Maus* usa a alegoria para refletir e questionar aspectos da natureza humana e da história.

Existem diversas obras na ampla literatura canônica que exploram esse conceito de representação animal que difunde a separação conceitual entre humano e não-humano.

## O animal da modernidade brasileira: “conversa de bois”

Essa tensão conceitual apresentada acima, é também explorada por autores brasileiros, e suas diferenciações são diversas. Mas, o que se destaca nesse cenário é João Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade, que problematizam e reinventam os sentidos dos termos que se referem à vida, ao espaço e aos animais.

“Conversa de bois”, do livro *Sagarana,* (2017) é uma narrativa que explora a subjetividade animal através de bois que se entrecruzam em longo do caminho. Cada um com sua situação, condição e própria filosofia. A narrativa começa com a seguinte afirmação:

Que já houve um tempo em que eles conversavam, entre si e com os homens, é certo e indiscutível, pois que bem comprovado nos livros das fadas carochas. Mas, hoje-em-dia, agora, agorinha mesmo, aqui, aí, ali, e em toda parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo o mundo, por qualquer um filho de Deus?! (Rosa, 2017, p. 189)

Essa citação reflete a visão de Rosa de um tempo em que a comunicação entre humanos e animais era possível, questionando se ainda é possível hoje em dia. Isso se alinha com a ideia de que a literatura pode servir como uma ponte para uma compreensão mais inclusiva da vida no planeta, e a separação entre humano e animal é menos definida.

Ao longo da narrativa é apresentada uma leva de personagens, mas, o núcleo dela se desenvolve em volta do carroceiro Agenor Soronho, que está em viagem, carregando um carro de bois, uma leva de rapaduras, além do corpo do pai do menino Tiãozinho, que estava a caminho de ser enterrado. Na trama, compreende-se oito bois, que estão em escala dois por dois na guia da carroça. Ao longo da jornada, todo esse contexto, visto pela perspectiva dos

animais, se mostra uma viagem extremamente triste e penosa. Por exemplo, quando há uma citação sobre o boi Brilhante, que é descrito como um boi sofrido, que toda vez volta com doenças, carrapichos e bernes, que já está “do avesso da vida” (Rosa, 2017, p. 191). E tudo isso, visto a partir da subjetividade dos próprios bois e como os mesmos compreendem a vida e o mundo a sua volta. A compreensão disso, em conjunto com a máquina antropológica de Agamben mostra a crueldade humana, para (seguindo essa ideia) com os seus iguais e semelhantes. Isso significa que a máquina antropológica de Agamben sugere que a exploração dos bois não é apenas uma questão de uso e abuso, mas uma manifestação de uma estrutura mais ampla que trata os seres vivos como objetos de controle e dominação. Os bois, ao serem descritos como sofridos e negligenciados, exemplificam como a lógica da exploração se aplica não apenas aos seres humanos, mas também aos animais que são subjugados pelas necessidades humanas.

A narrativa também apresenta um personagem apelidado como Tiãozinho, que compreende os bois melhor que Agenor Soronho. Sendo esse personagem uma ponte para os dois mundos.

Vai Tiãozinho, vão os bois, vai o carro, que empina para entrar na subida, rangendo a cantoria rezinguenta. — Va-amos! ... — As jugadas avançam, dançando as cangas nos cangotes, e Soronho grita e se mexe, curvando e levantando o busto, com os braços abertos e segurando com as duas mãos a vara, na horizontal: — Olha aí,Tiãozinho, tu que é também um guia brioso, conversa por mim com esses bois!... Vamos bonito, Dançador! Brabagato, boi meu!... (Rosa, 2017, p. 2007)

Ao final, por conta de uma determinada situação, Agenor Soronho tem um final sombrio e é basicamente decapitado pela carroça que o guiava. Assim, encerrando a narrativa.

Uma ideia semelhante, quase como uma leitura complementar, pode ser encontrada no poema “Um boi vê homens” de Carlos Drummond de Andrade. A melancolia presente na obra de Drummond revela o mundo sob uma perspectiva curiosa e triste, mas profundamente relevante para compreender as sutis diferenças entre humanos e animais.

Um boi vê homens

Tão delicados (mais que um arbusto) e correm

e correm de um para outro lado, sempre esquecidos de alguma coisa. Certamente, falta-lhes

não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,

até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno,

como também parecem não enxergar o que é visível

e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes e no rasto da tristeza chegam à crueldade.

Toda a expressão deles mora nos olhos — e perde-se a um simples baixar de cílios, a uma sombra.

Nada nos pelos, nos extremos de inconcebível fragilidade, e como neles há pouca montanha,

e que secura e que reentrâncias e que

impossibilidade de se organizarem em formas calmas, permanentes e necessárias. Têm, talvez,

certa graça melancólica (um minuto) e com isto se fazem perdoar a agitação incômoda e o translúcido

vazio interior que os torna tão pobres e carecidos

de emitir sons absurdos e agônicos: desejo, amor, ciúme

(que sabemos nós?), sons que se despedaçam e tombam no campo como pedras aflitas e queimam a erva e a água,

e difícil, depois disto, é ruminarmos nossa verdade. (Andrade, 2012, p. 25)

O poema descreve os humanos de uma maneira que subverte a expectativa de superioridade que muitas vezes é atribuída aos humanos. Drummond usa uma perspectiva externa para expor a fragilidade, a tristeza e a crueldade dos humanos, destacando sua incapacidade de se conectar plenamente com o mundo natural.

Outro poema de Drummond, que segue a mesma linha filosófica, é “O Boi” (1942):

O Boi

Ó solidão do boi no campo, ó solidão do homem na rua! Entre carros, trens, telefones,

entre gritos, o ermo profundo. Ó solidão do boi no campo,

ó milhões sofrendo sem praga! Se há noite ou sol, é indiferente, a escuridão rompe com o dia.

Ó solidão do boi no campo, homens torcendo-se calados!

A cidade é inexplicável

e as casas não têm sentido algum. Ó solidão do boi no campo!

O navio-fantasma passa em silêncio na rua cheia.

Se uma tempestade de amor caísse! As mãos unidas, a vida salva...

Mas o tempo é firme. O boi é só.

No campo imenso a torre de petróleo (Andrade, 2012, p. 6)

Os versos revelam uma visão crítica dos seres humanos, ressaltando como eles são frágeis, esquecidos e incapazes de se organizarem em formas "calmas, permanentes e necessárias". A tristeza e a crueldade aparecem como características resultantes dessa desconexão com o mundo natural e com os próprios sentimentos.

Jacques Derrida (2002), em sua obra *O Animal que Logo Sou*, desafia a tradicional distinção entre o humano e o animal. Derrida argumenta que a dicotomia é baseada em uma violência, sendo a identidade humana definida em oposição ao animal.

No poema de Drummond, essa violência se manifesta na forma como os humanos são descritos: perdidos, frágeis, incapazes de se conectar com a natureza e consigo mesmos. A visão de Derrida ajuda a entender que a melancolia e a crueldade dos humanos, mencionadas no poema, podem ser vistas como resultado de uma tentativa constante de se diferenciar dos animais, uma tentativa que os leva a perder uma parte essencial de si mesmos.

Agamben (2017), em *O Aberto: O Homem e o Anima*l, explora a ideia de que a distinção entre humano e animal é uma construção que sustenta a política e a ética ocidentais. Ele propõe que os humanos se colocam em um "estado de exceção" em relação aos animais, um espaço onde as regras normais da ética e da política não se aplicam (Agamben, 2017 p. 12)

No poema de Drummond, a descrição dos humanos como "não escutam nem o canto do ar nem os segredos do feno" e como "não enxergar o que é visível e comum a cada um de nós" pode ser lida como uma crítica a essa construção de um estado de exceção. Os humanos são apresentados como seres que se alienaram tanto da natureza quanto de si mesmos, resultando em um "translúcido vazio interior" que leva à crueldade e à tristeza.

Essa relação das teorias de Derrida e Agamben revela uma profunda condição humana, que é a separação artificial entre humano e animal e que pode levar à perda de uma conexão essencial com o mundo e com os próprios sentimentos. A fragilidade, a tristeza e a crueldade

dos humanos, conforme descritas no poema, podem ser vistas como resultado de uma tentativa constante e falha de se distinguir dos animais, uma tentativa que, em última análise, revela a sua própria vulnerabilidade e necessidade de reavaliar essa relação.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou a interseção entre literatura e animalidade, revelando como a representação dos animais na narrativa literária desafia e expande as fronteiras entre o humano e o não-humano. A análise dos textos literários evidenciou que a literatura não apenas representa, mas também transforma a percepção da animalidade, oferecendo uma perspectiva que questiona a supremacia antropocêntrica. Observa-se como a narrativa pode subverter a visão tradicional do animal como um mero objeto de estudo ou símbolo, apresentando-o em toda a sua complexidade subjetiva e emocional. Existe a tendência humana de se distanciar do seu lado animal, e a literatura, ao desafiar essas noções, propõe uma reconfiguração das fronteiras entre o humano e o animal, permitindo uma aproximação mais empática e reflexiva.

A reflexão filosófica proposta por este estudo leva a considerar que a literatura tem o poder não só de refletir a condição animal, mas também de influenciar a ética e a prática cotidiana. Através de uma abordagem mais inclusiva e não antropocêntrica, a literatura pode oferecer novas formas de engajamento com a animalidade, sugerindo uma coexistência mais respeitosa e consciente. A pesquisa buscou lembrar a necessidade de valorizar não apenas a natureza em si, mas também as subjetividades que ela contém. Em última análise, este artigo observou que, ao reconhecer a profundidade e a complexidade da experiência animal, a literatura pode conduzir a uma compreensão mais rica e ética da própria posição do indivíduo no mundo, promovendo uma visão mais integrada e respeitosa da vida.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Richard George. **Em busca de Watership Down**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **O aberto: o homem e o animal**. Tradução de Pedro Mendes – 2 ed. – Edição revista – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Claro enigma**. Posfácio Samuel Titan Jr. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANDRADE, Carlos Drummond de. ***José*.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio e Alvim, 1996.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Faro Editorial, 2022.

KRENAK, Ailton. I**deias para Adiar o Fim do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MACIEL, Maria Esther. **Literatura e animalidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MACIEL, Maria Esther. Literatura e subjetividade animal. **Revista Dobra**. n. 7, jan. 2021, p. 1-11. Disponível in: <https://revistadobra.weebly.com/dobra-mdash-7.html>. Acesso em 28 Ago 2024.

MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios**. Tradução de Rosa Freire D’Aguiar. São Paulo: Penguin /Companhia das Letras, 2010.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**. 72. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

ORTIZ-ROBLES, Mario. **Literature and Animal Studies**. 1. ed. New York: Routledge, 2016.

SPIEGELMAN, Art. **Maus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WATERSHIP DOWN. Direção: Martin Rosen. Produção: Martin Rosen, Joseph Shaftel. Reino Unido: Nepenthe Productions, 1978. 1 DVD (101 min).